



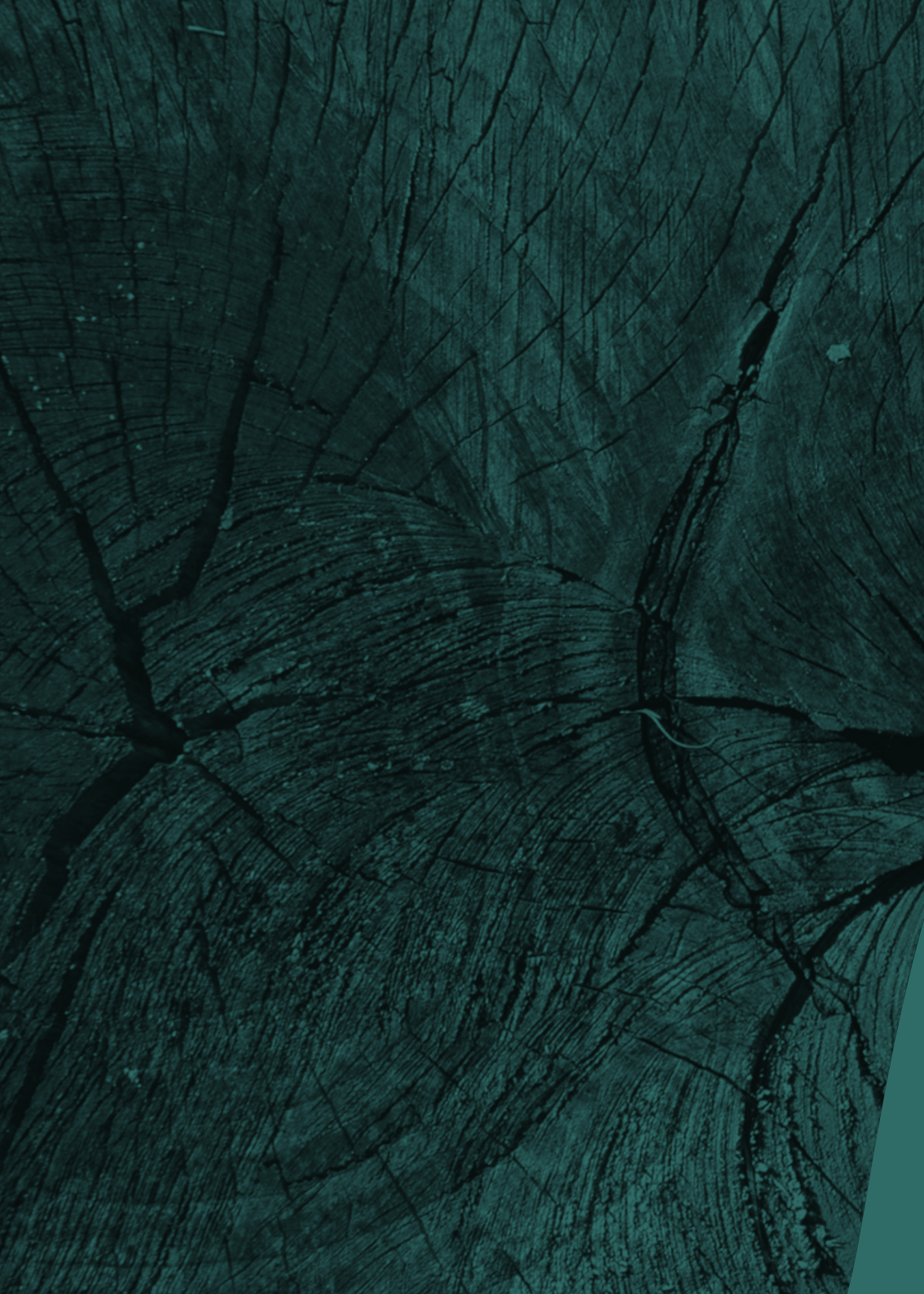
prêmio **abca**
2023

SUMÁRIO

- 5 Palavra da presidente
- 8 Troféu Sanagê Cardoso
- 9 Sobre o artista
- 11 Premiados nas categorias
- 25 Premiados em destaques regionais
- 31 Homenagens
- 36 Diretoria 2022-2024



abca 75 anos
1949-2024



Prêmio Abca 2023

A Associação Brasileira de Críticos de Arte divulga os nomes dos contemplados com o prêmio destinado aos artistas visuais, curadores, críticos, autores e instituições culturais que mais contribuíram para a cultura nacional em 2022, que foi elaborada a partir das indicações que os/as associados/as enviaram para discussão e aprovação em reunião da Diretoria.

Os prêmios foram atribuídos pelo resultado da votação de cerca de aproximadamente 169 associados/as em escala nacional, por votação em formulário online.

O sistema de premiação foi criado em 1978, para destacar exclusivamente as artes visuais. A ABCA entrou para a história por sua presença significativa nos eventos artísticos desde a década de 1950. Em 2022, a premiação foi ampliada e agora o Prêmio Abca contempla 13 categorias, incluindo ainda os destaques regionais, totalizando 18 prêmios.

No ano de 2023, para além dos prêmios mencionados acima, a diretoria da ABCA reservou-se o direito de prestar 4 homenagens, respeitando indicações de associados e das próprias indicações da lista tríplice, sempre no âmbito da ABCA.

O Prêmio passou por alterações e acréscimos desde que foi instituído em 1978. Idealizado, inicialmente, para colocar em destaque o artista plástico, pouco depois foram definidas duas outras categorias. Hoje, o Prêmio ABCA contempla as seguintes categorias:

1. Prêmio Gonzaga Duque – destinado a crítico associado, pela sua atuação ou publicação de livro.
2. Prêmio Mário Pedrosa – destinado a artista contemporâneo.
3. Prêmio Sérgio Milliet – destinado a um pesquisador (associado ou não), por trabalho de pesquisa publicado.
4. Prêmio Ciccillo Matarazzo – destinado a personalidade atuante no meio artístico.
5. Prêmio Mário de Andrade – destinado a crítico de arte, pela trajetória.
6. Prêmio Clarival do Prado Valladares – destinado a artista, pela trajetória.
7. Prêmio Maria Eugênia Franco – destinado a curadoria de exposições.
8. Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade – destinado à instituição por sua programação.
9. Prêmio Antônio Bento - difusão das artes visuais na mídia.
10. Prêmio Paulo Mendes de Almeida - destinado à melhor exposição do ano.
11. Prêmio Emanuel Araújo – destinado ao reconhecimento de Coleção/Acervo/Conservação/Documentação histórica

12. Prêmio Gilda de Melo e Souza – destinado ao reconhecimento de críticos/as, em início de carreira, independentemente da idade, por sua produção, ou engajamento em projetos inovadores de divulgação da crítica de arte.

13. Prêmio Yêdamaria (Yêda Maria Corrêa de Oliveira) – destinado à instituições, pessoas e projetos que promovam ações de impacto amplo em processos educativos e de mediação nos vários campos das artes, em espaços formais e não formais.

14. Destaques Regionais - destinado aos destaques de cada região do país, sendo que consideramos as cinco regiões – Norte, Sul, Nordeste, Centro Oeste e Sudeste. Total: 5 destaques regionais.

São, ao todo, 18 prêmios. No ano de 2023, somam-se quatro homenagens da diretoria da ABCA.

Sandra Makowiecky

Presidente da ABCA (2022 a 2024)



Troféu Sanagê Cardoso

Neoclipes é uma obra escultórica que tem uma abordagem em torno da linguagem neoconcretista e revela, a meu ver, um aprimoramento do referido conceito.

No imaginário poético, parte de uma estrutura onde os conceitos universais do clipe nos apresentam uma obra impregnada de modernidade aliada a uma evolução técnica.

Na sua concepção, apresenta através do corte a laser as informações inerentes ao troféu, finalizado com a resistente pintura eletrostática,

criado e desenvolvido em chapa de aço carbono. A intenção é quebrar expectativas.

Neoclipes é a qualificação de um conceito estético em que através de um elemento ímpar, apresenta desdobras e dobras permitindo uma apresentação particular ambicionando não perder a qualidade poética.

O troféu é uma homenagem do escultor, criado especialmente para os artistas, críticos e pesquisadores que se destacaram no ano de 2023.

Sanagê Cardoso



Sobre o artista

Sanagê Cardoso nasceu na cidade do Rio de Janeiro em uma família formada por um casal de irmãos, filho de Maria do Carmo e Oswaldo Cardoso. Chegou a Brasília em 1972 em busca de qualidade de vida e de oportunidades.

Em 1978, o artista tinha a certeza de que ia ser fotógrafo. Para isso fez todos os investimentos necessários ao desenvolvimento da profissão e ao reconhecimento do

seu trabalho. Obteve uma experiência singular com participações em exposições individuais e coletivas, e oportunidades de trabalhar para agências de propaganda, revistas e editoriais fotográficos.

Formado na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, em Brasília, o artista iniciou sua trajetória com a fotografia, desenvolvendo um trabalho autoral e conceitual, até a transformação de imagens abstratas em esculturas, seu ponto de partida.

Em 1994, resolveu trilhar novos caminhos. Montou uma pequena metalúrgica e esse empreendimento tornou-se um divisor de águas na história do artista.

A partir de 2004, dedicou-se à criação de esculturas em aço carbono e inox, com influências marcantes de Amílcar de Castro, Franz Weissmann e Alexander Calder.

Busca, desde então, como característica, deixar a forma interagir com o universo. O pressuposto que as esculturas não tenham uma lógica previamente estabelecida. Trabalha o limite do imponderável e a falta de compromisso rígido com a posição espacial, utilizando a forma do "clipes" como a poética do seu trabalho.

Tem largo currículo em exposições individuais e coletivas e possui obras compondo acervo de alguns museus de arte contemporânea, com uma produção orientada pela linguagem neoconcretista.

Em sua exposição "Sanagê Pele e Osso", com obras que transitam entre pintura, escultura e relevo, o artista fala da diáspora negra e do processo colonizador, promovendo uma imersão na questão racial brasileira.



Premiados

2023

PRÊMIO GONZAGA DUQUE

crítico associado, pela sua atuação ou publicação de livro

FELIPE CHAIMOVICH é doutor em Filosofia pela USP (1998) e professor livre docente pela USP desde 2023. Ao longo de sua carreira Chaimovich ocupou importantes posições no cenário cultural brasileiro. Foi crítico de arte da Folha de São Paulo de 2000 a 2006 e curador do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) de 2007 a 2019. Também foi professor temporário do Museu de Arte Contemporânea da USP de 2021 a 2022 e atualmente é professor titular pleno de história da arte contemporânea e crítica de arte na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e Faculdade Santa Marcelina. Entre suas curadorias destacam-se "Obra em Contexto: Iran do Espírito Santo" (São Paulo:

Museu de Arte Contemporânea da USP, 2000), "Capela Sistina" (São Paulo: Galeria Luisa Strina, 2000) e "2080 – um painel artístico dos anos 80 com 50 obras de 37 países". Ele também é autor de obras como "Iran do Espírito Santo" (São Paulo: Cosac e Naify, 2000). Entre 2022 e 2023, Chaimovich atuou como curador do Museu Judaico de São Paulo desenvolvendo uma série de curadorias. Entre as mais recentes destaca-se *Boris Lurie – Arte, Luto e Sobrevivência*, exposição que percorreu o legado do artista por meio de uma série de trabalhos atravessados pela memória do Holocausto e pelas relações entre arte, história e política.



Divulgação – Revista DASARTES.

PRÊMIO MARIO PEDROSA
artista contemporâneo

DALTON PAULA (Brasília, DF, 1982). Vive e trabalha em Goiânia. Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás (UFG), trabalha com pintura, desenho, vídeo, performance e objetos em torno das histórias e vivências afro-brasileiras. Dalton Paula pesquisa personagens negras nas histórias brasileiras que não têm representação visual, com o intuito de dar rosto a elas. Em sua obra, discute o corpo silenciado no meio urbano. Participou de diversas exposições no Brasil e no exterior. Em 2021 participou da exposição "Enciclopédia Negra", na Pinacoteca de São Paulo; em 2020 fez sua primeira exposição individual "Dalton Paula: um sequestrador de Almas", em Nova York, na Alexander and

Bonin Gallery. No ano de 2019 foi um dos cinco premiados da 7ª edição do Prêmio CNI SESI SENAI Marcantonio Vilaça para as Artes Plásticas; e também expôs no "36º Panorama da Arte Brasileira: Sertão", no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), entre outras. Em 2017 participou da exposição "The Atlantic Triangle" (Instituto Goethe em Lagos/Nigéria) e no ano de 2016 foi um dos artistas convidados para a 32ª Bienal de São Paulo. Indicado ao Prêmio PIPA 2017 e 2018.



Lucas Tavares

PRÊMIOSERGIO MILLIET

pesquisador (associado ou não), por trabalho de pesquisa publicado.

MARIA DE FÁTIMA MORETHY

COUTO é – Livro: “A Bienal de São Paulo e a América Latina: trânsitos e tensões” (1950-1970). Campinas: Editora Unicamp, 2023

Maria de Fatima Morethy Couto - e o livro Bienal de São Paulo e a América Latina – Trânsitos e Tensões (1950-1970), lançado em 2023, publicado pela Editora Unicamp. A obra analisa a importância e a repercussão da introdução da Bienal de São Paulo no circuito artístico da América do Sul nos anos 1950 e 1960. Visa demonstrar que, mesmo jamais adotando uma postura latino-americanista, as primeiras bienais realizadas no Brasil propiciaram o fortalecimento de intercâmbios regionais nos anos 1960, bem como

impulsionaram a criação de novas mostras de arte contemporânea, de caráter recorrente, em diferentes países vizinhos, ao fornecer um modelo bem-sucedido de aliança cultural-empresarial e de grande ganho simbólico. Discute algumas dessas mostras, que assumiram um discurso crítico, de oposição à excessiva valorização de teorias, projetos e obras concebidos nos centros hegemônicos de poder. Por fim, aborda o sistema de premiação posto em prática por esses espaços de legitimação e analisa a recepção do trabalho de artistas latino-americanos na Bienal de Veneza, nas décadas citadas.

Quer saber mais?

youtube.com/live/PePEuPD Mbnl?si=t1KqNlxLQjXAJDZS>



Kaud Veronese

PRÊMIO CICCILLO MATARAZZO
personalidade atuante no meio artístico

ADRIANO PEDROSA é curador, ensaísta e diretor Artístico no MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand desde 2014. Foi cocurador da 27ª Bienal de São Paulo e curador responsável do Museu de Arte da Pampulha. Formado em direito pela UERJ e com pós-graduação em artes visuais e curadoria, tem experiências de curadoria nacional e internacional em diferentes países, como Estados Unidos, Turquia, Canadá, Jordânia e México. No MASP, coordenou relevantes exposições, incluindo mostras individuais dedicadas às obras de Tarsila do Amaral, Anna Bella Geiger, Ione Saldanha,

Maria Auxiliadora, Gertrudes Altschul, Beatriz Milhazes, Wanda Pimentel e Hélio Oiticica. Destacase, também, a série dedicada a diferentes histórias: "Histórias da infância" (2016), "Histórias da sexualidade" (2017), "Histórias Afro-atlânticas" (2018), "Histórias de mulheres, histórias feministas" (2019), "Histórias da dança" (2020) e "Histórias brasileiras" (2022). Atualmente é curador da Bienal de Veneza (2024).



Daniel Cabrel

PRÊMIO MÁRIO DE ANDRADE
crítico de arte, pela trajetória

MOACIR DOS ANJOS. Nascido em 1963, na capital pernambucana, foi diretor do Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães –MAMAM (2001-2006). Fez parte da equipe de coordenação curatorial do programa Itaú Cultural Artes Visuais, de 2001 a 2003. Também desenvolveu co-curadoria em 2007 na Bienal do Mercosul, em Porto Alegre. Foi curador da Bienal *Panorama da Arte Brasileira* que decorreu em 2007 no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Também foi curador da 29ª Bienal de São Paulo (2010) – *Há sempre um copo de mar para o homem navegar* e das exposições *Cães sem Plumaz* (2014), no MAMAM, "A Queda do Céu" (2015), no Paço das Artes, São

Paulo, *Adornos do Brasil Indígena – Resistências Contemporâneas* (2016), no Sesc Pinheiros, São Paulo, e *Travessias 5 – Emergência* (2017), no Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro. É autor, entre outros, dos livros "*Local/global*". "*Arte em trânsito*" (2005) e "*ArteBr crítica*" (2010); "*Contraditório. Arte, Globalização e Pertencimento*" (2017) e "*Ataque à Indiferença. Ensaios sobre arte e política*" (2024, no prelo). Moacir dos Anjos é pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco, no Recife e Coordenador-Geral do Museu do Homem do Nordeste. Membro do Comitê de Indicação do Prêmio PIPA 2010, 2022 e 2024. Membro do Conselho do Prêmio PIPA de 2011 a 2021.



Alicione Ferreira

PRÊMIO CLARIVAL DO PRADO VALADARES a artista, pela trajetória

ANNA BELLA GEIGER é uma artista proeminente no cenário da arte brasileira. Ela nasceu no Rio de Janeiro em 1933 e se destacou como uma das pioneiras da arte contemporânea no Brasil. Depois de estudar desenho com Fayga Ostrower, inicia o aprendizado de gravura no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (RJ), onde passa a lecionar três anos mais tarde. Sua obra é marcada por uma abordagem experimental e inovadora, que desafia as convenções estabelecidas. Geiger é conhecida por sua utilização de diferentes mídias, incluindo pintura, gravura, fotografia e instalação. Sua arte, muitas vezes, aborda temas como identidade, memória, e as relações entre o indivíduo e

o ambiente urbano. Ao longo de sua carreira, Anna Bella Geiger recebeu reconhecimento nacional e internacional, contribuindo significativamente para o cenário artístico brasileiro e deixando um legado duradouro na história da arte. A partir da década de 1990, emprega novos materiais e produz formas cartográficas vazadas em metal, dentro de caixas de ferro ou gavetas, preenchidas por encáustica. Suas obras situam-se no limite entre pintura, objeto e gravura. A artista possui uma grande quantidade de exposições individuais e coletivas. Possui livros publicados como autora e sobre sua obra, principalmente catálogos de suas exposições.



DAISY PECCININI, "O FEMININO NA OBRA DE VICTOR BRECHERET", REALIZADA NO MUSEU OSCAR NIEMEYER (MON) , CURITIBA, PARANÁ, 2023.

A exposição "O feminino na Obra de Victor Brecheret" com curadoria de Daisy Peccinini foi realizada no Museu Oscar Niemeyer (MON), em Curitiba, de 22 de setembro de 2023 a 21 de janeiro de 2024. A curadora retorna a debruçar sobre Victor Brecheret, que já havia sido tema de exposições e de publicações suas anteriores, como em 2010, o catálogo de exposição "Brecheret: mulheres de corpo e alma". Uma das maiores especialistas no trabalho do artista, Daisy Peccinini também

publicou em 2004, "Brecheret e a linguagem das formas"; em 2011, "Brecheret e a Escola de Paris"; e em 2011, "Brecheret: a linguagem das formas". Na exposição que marca a candidatura deste ano, o espectador encontrou mais de 100 obras, dentre elas pequenas, médias e grandes esculturas em bronze e em mármore e 80 desenhos realizados em bico de pena e caneta tinteiro de figuras femininas. Daisy Peccinini descreveu a exposição como sendo uma exposição de "essência de Brecheret". A curadora afirma que a temática para a exposição emergiu da análise de 200 desenhos do artista pertencentes ao acervo do Instituto Victor Brecheret. Identificou nos trabalhos predominantemente de nus femininos a relação com o simbolismo feminino da Terra, a Grande Mãe, a deusa Gaia, Geia, dos gregos, o elemento primordial e latente de uma potencialidade geradora ilimitada.



Francisco Emolo

PRÊMIO RODRIGO MELLO FRANCO DE ANDRADE
instituição por sua programação

PINACOTECA DO CEARÁ – FORTALEZA (CEARÁ).

Inaugurada em dezembro de 2022, em Fortaleza (CE), a Pinacoteca do Ceará é o museu que salvaguarda, preserva, pesquisa e difunde a coleção de arte do Governo do Estado do Ceará. Sua mostra de abertura, "Bonito pra chover", foi composta pela coletiva "Se Arar", com 170 artistas, e pelas individuais em homenagem aos mestres modernistas Ademir Martins, "No lápis da vida não tem borracha", e Antônio Bandeira, "Amar se aprende amando". Além de exposições de acervo, a instituição tem acolhido intervenções artísticas

e realizado outras mostras temporárias, como "Leonilson: montanhas protetoras e ao longe, vulcões, rios, furacões, mares, abismos e das amizades", "Chico da Silva e a Escola do Pirambu" e o II Fotofestival SOLAR. A Pinacoteca do Ceará também tem ofertado uma programação ampla e significativa de ações formativas, como cursos, oficinas, workshops, aulas abertas, editais de pesquisa e criação, que abrangem desde o público especializado até o público em geral. Destaca-se a gratuidade de sua programação e a adoção de medidas de acessibilidade para públicos diversos.



PRÊMIO ANTÔNIO BENTO
difusão das artes visuais na mídia

REVISTA CONTINENTE

(PERNAMBUCO) é uma revista contemporânea de jornalismo cultural com periodicidade mensal, produzida em Pernambuco desde 2000 pela Companhia Editora de Pernambuco (Cepe). Disponível atualmente nas versões impressa, digital (eBook) e online, consta na apresentação da revista a seguinte descrição: "é uma publicação atual, que acompanha as transformações da cultura, da arte e do próprio jornalismo, galgando seu compromisso com o adensamento de pautas que levem ao pensamento crítico e reflexivo". Números especiais da revista foram publicados sobre temas como HIV, solidão, fake news, silêncio, gordofobia, ciberterror, refugiados no Brasil, luta indígena,

militância LGBT, amor, humor, felicidade, ciganos, cicloativismo, street art, arte e loucura, kitsch, poesia. Também já foram conteúdos abordados o cinema pernambucano contemporâneo, o legado da arteterapeuta Nise da Silveira, os novos museus, o centenário do samba. O escopo engloba cultura popular, cinema, música, artes visuais, gastronomia, literatura, teatro, dança, ópera, circo. Um aspecto fundamental da publicação é estar fora do eixo Rio-São Paulo, "mas com o olhar no horizonte". Organiza-se em 38 seções, dentre elas: arquivo, memória, perfil, artigo, crítica, documento, ensaio pessoal, portfólio, resenha, crônica, dossiê, ensaio visual, lançamento, relato, tradução.



PRÊMIO PAULO MENDES DE ALMEIDA
melhor exposição do ano

35ª BIENAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO teve como tema "Coreografias do Impossível" e curadoria coletiva de Diane Lima, Grada Kilomba, Hélio Menezes e Manuel Borja-Villel. Contou com a participação de 121 artistas de diversas partes do mundo e cerca de 1,1 mil obras de diferentes linguagens que se espalharam pelos 30 mil metros quadrados do Pavilhão Ciccillo Matarazzo, no Parque Ibirapuera. O evento é a segunda bienal mais antiga do mundo e o maior evento de arte contemporânea do hemisfério Sul e das Américas. Após uma extensa pesquisa sobre as urgências dos nossos tempos, os curadores afirmam: "Nosso objetivo foi criar uma edição sem categorias ou estruturas limitadoras. Essa visão

nasceu em nossa equipe curatorial, onde abraçamos um sistema descentralizado, afastando-nos das normas tradicionais. Escolhemos conscientemente não ter um curador-chefe, buscando dissolver estruturas hierárquicas. Nossa lista abrange um amplo espectro de formas artísticas e vozes de vários territórios ao redor do mundo. Então, a pergunta que permanece é: como as impossibilidades de nossa vida cotidiana refletem na produção artística? As coreografias do impossível nos ajudam a perceber que diariamente encontramos estratégias que desafiam o impossível, e são essas estratégias e ferramentas para tornar o impossível possível que encontraremos nas obras dos artistas"



Levi Fanan Fundação Bienal

PRÊMIO EMANOEL ARAÚJO
reconhecimento de Coleção/Acervo/
Conservação/Documentação histórica

**MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO –
(SÃO PAULO)**

foi criado em 1963 quando a Universidade de São Paulo recebeu o acervo do antigo MAM de São Paulo. O MAM era formado pelas coleções do casal de mecenas Yolanda Penteadó e Ciccillo Matarazzo, por obras adquiridas ou recebidas em doação, como também pelos prêmios das Bienais de São Paulo até o ano de 1961. Instalado em um complexo arquitetônico criado nos

anos 1950 pelo arquiteto Oscar Niemeyer e equipe, o MAC USP possui um acervo de cerca de 10 mil obras, entre pinturas, gravuras, tridimensionais, fotografias, artes conceitual, objetos e instalações. É considerado um centro de referência de arte moderna e contemporânea, brasileira e internacional, mantendo à disposição de estudantes, especialistas e do público em geral uma biblioteca e um importante arquivo documental.



Andrés Otero

PRÊMIO YÊDAMARIA (Yêda Maria Corrêa de Oliveira)
instituições, pessoas e projetos que promovam ações de impacto
amplo em processos educativos e de mediação nos vários campos
das artes, em espaços formais e não formais.

SERTÃO NEGRO ATELIÊ E ESCOLA DE ARTES (GOIÂNIA)

é um projeto concebido e dirigido pelo artista Dalton Paula; criado em abril de 2021 e em 2022 iniciou efetivamente suas atividades; está localizado na Região Norte de Goiânia, e seu nome remete a "um paraíso imaginário na terra", um "refúgio de beleza idílica e tranquilidade" e tem sua origem no livro "O horizonte perdido" (1933), do escritor britânico James Hilton. A proposta é ser um quilombo, um espaço artístico-cultural de compartilhamento de processos criativos e vivências junto ao meio ambiente, tendo sua infraestrutura de ateliers, da Biblioteca Rosana Paulino (com 3 mil títulos voltados ao pensamento afro-brasileiro), cozinha e residências para artistas

residentes orientadas por técnicas de bioconstrução sustentáveis. Há cerca de 35 pessoas fixas no espaço, incluindo a diretoria, equipe de assistência de arte, artistas residentes, professores e pesquisadores. Durante atividades como aulas de cerâmica, gravura e capoeira, esse número dobra, pois são formações abertas à comunidade. Atualmente, oferece visitação ao ateliê-escola, aulas de capoeira angola, curso de cerâmica e sessões de cineclube. Tais atividades são abertas à comunidade em geral. No primeiro ateliê aberto houve cerca de 500 visitantes. Em 2023 passaram a ser oferecidos também os cursos de gravura e história das artes afro-brasileiras (online), além de ter iniciado o projeto *Sertão Verde* (práticas agroecológicas para produção de alimentos orgânicos destinados à cozinha da escola). Também em 2023, Dalton Paula recebeu o prêmio Soros Arts Fellowship da Open Society Foundations pelo projeto "Quilombo-Escola". Esses recursos foram destinados à manutenção da escola e possibilitaram a realização de atividades de formação tais como o *Programa de Residência Artística Sertão Negro*, que tem contemplado jovens artistas brasileiros e estrangeiros de ascendência africana.



Fábio Lima

PRÊMIO GILDA DE MELO E SOUSA

reconhecimento de críticos/as, em início de carreira, independentemente da idade, por sua produção, ou engajamento em projetos inovadores de divulgação da crítica de arte

JOHN FLETCHER (Belém/PA, 1980). Crítico, curador e professor universitário. Vive e trabalha em Belém, atuando como docente no Instituto de Ciências da Arte da UFPA. Investiga a produção artística contemporânea na Amazônia, atentando às questões étnicas e raciais, de gênero e de(s) coloniais. É Mestre em Artes (UFPA, 2011) e Doutor em Antropologia (UFPA, 2016), com a pesquisa *Arte Pará: Uma Interpretação*

Antropológica e Visual, que recebeu o *Prêmio Benedito Nunes de Teses de Doutorado* (UFPA, 2018). Idealizador e administrador do site *Arte Crítica Pará*, plataforma coletiva de crítica de arte, em atividade desde 2010. Entre as curadorias realizadas destaca-se *Amazônia Presente* (2023), exposição de acervo no Espaço Cultural Casa das Onze Janelas, em colaboração com Alexandre Sequeira.



Ursula Bahia



Premiados nos
Destiques
Regionais ²⁰²³

REGIÃO NORTE
melhor exposição do ano

1ª BIENAL DAS AMAZÔNIAS –

Trazendo como tema "Bubuia: Águas como Fonte de Imaginações e Desejos", a 1ª Bienal das Amazônias ocorreu em Belém (PA), reunindo obras significativas de mais de 120 artistas, dos nove estados amazônicos brasileiros e de outros oito países que integram a Pan-Amazônia. A curadoria foi realizada por Keyna Eleison, Sandra Benites e Vânia Leal. A fotógrafa Elza Lima foi a artista homenageada pelo evento. A programação da bienal contou com performances, intervenções artísticas, oficinas, palestras, mesas

de debates, entre outras ações formativas. O tema foi inspirado na produção teórica e poética de João de Jesus Paes Loureiro, poeta e ensaísta paraense que há décadas reflete sobre a questão das identidades culturais amazônicas. A mostra deslocou a lógica das megaexposições de arte para a região Norte do país, buscando investigar as especificidades culturais de um território que, paradoxalmente, é muito comentado internacionalmente, mas permanece pouco conhecido ou estudado com o rigor crítico necessário.



Daniilo José Rocha

REGIÃO SUL

reconhecimento de coleção/acervo/
conservação/documentação histórica

PINACOTECA BARÃO DE SANTO ÂNGELO (INSTITUTO DE ARTES - UFRGS) – Responsável pela conservação, restauração, ampliação e divulgação do patrimônio artístico e documental do Instituto de Artes da UFRGS, bem como pelo intercâmbio com a produção artística contemporânea. Atua na promoção e apoio de exposições e eventos ligados ao ensino, pesquisa e extensão na área das Artes Visuais, através das atividades do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais do IA/UFRGS. Abrange três setores: Acervo, Galeria e Restauro. Fundada em 1908 com a criação do Instituto Livre de Belas Artes do Rio Grande do Sul, vem constituindo acervo significativo através de

aquisições incluindo obras dos premiados dos seus salões de Belas Artes e , a partir de 1970, do Salão de Artes Plásticas da UFRGS, além das aquisições por compras e doações de professores, alunos, ex-alunos e membros da comunidade. Sua vinculação estreita com as áreas de Ensino e Pesquisa do IA da UFRGS, dinamizou o setor aportando mais pesquisadores e estudos sobre a coleção e seus artistas. Seu espaço permanente de exposições abriga mostras de longa duração do acervo. Destacam-se a publicação de catálogos da coleção e da elaboração do web site da instituição, com a apresentação de obras, biografias, dados históricos e demais informações, disponibilizando o acervo para o grande público.



Pinacoteca Barão de Santo Ângelo

REGIÃO SUDESTE

instituição por sua programação

SESC SÃO PAULO – O Serviço Social do Comércio, criado em 1946 é uma entidade privada voltada ao bem-estar e a qualidade de vida para os trabalhadores desse setor, suas famílias e a sociedade em geral. Atualmente, a rede é composta por 42 unidades físicas para o atendimento ao público, instaladas na Capital, Grande São Paulo, interior e litoral. Em 2023 atendeu a um número próximo de 27.000.000 de pessoas. O ano de 2023 foi marcado pela despedida de Danilo Santos de Miranda, que dirigiu a instituição ao longo de quatro décadas, a quem a diretoria da ABCA rende homenagens. No campo das

Artes Visuais, o Sesc abraça um conjunto programático formado por exposições, intervenções, performances, ações educativas, cursos e oficinas, em diálogos transversais com outros programas da instituição, além administração do Acervo Sesc de Obras de Arte. No conjunto programático do ano de 2023, a instituição realizou 30 grandes exposições apresentadas na Capital e 19 no interior do estado de São Paulo, em que se promoveu visitas guiadas e livres, cursos e oficinas temáticas. Um dos grandes destaques do ano foi o projeto *Dos Brasis – Arte e Pensamento Negro*, proposta que reuniu 240 artistas negros de todo o país.



Sesc Vila Mariana

REGIÃO NORDESTE

instituições, pessoas e projetos que promovam ações de impacto amplo em processos educativos e de mediação nos vários campos das artes, em espaços formais e não formais

BIENAL INTERNACIONAL DO SERTÃO – Projeto independente fundado em 2012, promove exposições de arte, intercâmbios, residências, aquisições e doação de obras a acervos, monitoria, oficinas de arte e pesquisa, conversas de artistas, projetos paralelos e outras atividades, com parcerias entre museus, universidades, casas de cultura, poder público, ateliês, coletivos e artistas brasileiros e estrangeiros. Em 2023, foi realizada a VI Bienal do Sertão de Artes Visuais sob o tema “Educar a paisagem”, com curadoria de

Denilson Santana (comissário geral), Lucas Dilacerda, Matteo Bergamini e Renata Lima. De caráter itinerante, a edição de 2023 foi realizada na região do Cariri cearense, nas cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Santana do Cariri. A bienal trabalha com dois núcleos de pesquisa, um histórico e outro contemporâneo, com chamada pública para participação de artistas e curadores.



REGIÃO CENTRO-OESTE
melhor exposição do ano

**EXPOSIÇÃO COLETIVA
"ATUALIZAÇÃO DO SISTEMA", NA
GALERIA PRINCIPAL DO MUSEU
NACIONAL DA REPÚBLICA**

apresentou cerca de 140 obras organizadas em seis núcleos na galeria principal do Museu Nacional da República (DF). O assunto principal foi a tecnologia como mecanismo que perpassa o cotidiano de todas as sociedades humanas. A exposição apresentou obras de arte tecnológicas, feitas com celular ou equipamentos contemporâneos, até obras cuja materialidade encontra-se no cotidiano, a saber bancos, funis ou pás. A exposição foi realizada com obras do acervo do próprio

Museu Nacional da República, mas também com empréstimos das coleções das galerias Almeida & Dale, da Casa Albuquerque e da Cerrado Galeria. Entre as obras, havia trabalhos de Gilberto Prado e Suzette Venturelli, referências na produção de arte e tecnologia, Bia Medeiros e Corpus Informáticos (pesquisadores de videoarte e performance), além de nomes importantes da arte contemporânea brasileira, como Alfredo Volpi, Fayga Ostrower, Cildo Meireles, Jac Leirner, Nelson Leirner, Mira Schendel, Antonio Henrique Amaral, Almandrade e Augusto de Campos.



Jaana França

Homenagens

2023

MARIA BONOMI



Rodrigo Reis

Maria Bonomi nasceu no ano de 1935, na Itália. Sua mãe Georgina Martinelli Bonomi era brasileira, e o pai Ambrógio Bonomi, italiano. Devido à Segunda Guerra, saíram da Itália e chegaram ao Brasil em meados da década de 1940, em São Paulo, onde iniciou os estudos em arte. A convivência familiar e social no meio cultural paulista a influenciou diretamente, participando de importantes eventos, como a criação da Bienal Internacional de Arte. Ao retornar

de estudos na Europa, a artista passou a frequentar o ateliê do mestre Lívio Abramo, destacando-se muito cedo em sua carreira internacional.

Gravadora, escultora, muralista, curadora e cenógrafa, Bonomi já produziu também figurinos teatrais e produz obras em variadas linguagens, dentre elas, gravura em metal, xilogravura e litogravura.

Atenta ao trabalho na matriz que dá origem à gravura, encontrou no entalhe e no sulco que marca a superfície da matriz, a força de sua expressão, levando-a aos baixos relevos escultóricos. Passou a trabalhar também em grandes dimensões, criando murais para espaços públicos, aproximando a arte do povo.

A importância do papel político da arte faz parte da trajetória de Bonomi, que sempre fez questão de se posicionar, acreditando que é possível fazer uma gravura de argumentação sem ser panfletária.

Os troféus da ABCA dos anos de 2015 a 2022 são de autoria de Maria Bonomi, a quem a ABCA agradece.

PEDRO MARTINS CALDAS XEXÉO

(*in memoriam*)



Monica Xexéo

Pedro Martins Caldas Xexéo, *in memoriam* (Natural de Bagé, RS, 1944-2024). Museólogo, Curador e Crítico da Arte. Iniciou sua atividade no Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, MG, em 1972. Ingressou como Conservador no Museu Nacional de Belas Artes, em 1974, onde desempenhou diversas funções: Coordenador Técnico e Diretor – Substituto, de 1978 a 2001, tendo sido Curador de Pintura Brasileira de 2001 até 2013, quando se aposentou. Atuava nas áreas

de Preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro e História e Crítica da Arte. Seu interesse pela história da arte no Brasil se fixou no século XIX e primeiras décadas do século XX, tendo publicado diversos livros *"Aspectos da Paisagem Brasileira (1816–1916)"*; *"A Luz da Pintura no Brasil"*; *"Missão Francesa"*; *"Alegoria às Artes – Léon Palliere"* e, co-autor dos livros *"Nicolas Taunay no Brasil: uma leitura dos Trópicos"*; *"The First Mass in Brazil, of Vítor Meireles"*; e *"Portinari – Coleção Museu Nacional de Belas Artes"*, além de ensaios em catálogos e periódicos especializados. Realizou curadoria de exposições no Brasil e no exterior, envolvendo segmentos da arte brasileira oitocentista, moderna e contemporânea. Em 2024, após seu falecimento, em agradecimento à excelente colaboração em seus projetos, o Real Gabinete Português de Leitura atribuiu-lhe o título de "Sócio Benfeitor". Xexéo também era membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte/ABCA .

MARIZA BERTOLI (in memoriam)



Arquivo ABCA

Mariza Bertoli, *in memoriam* (natural de Curitiba, Paraná, 1942 -2019) dedicou-se ao estudo das estéticas simbólicas e dos regimes de imagem. Curadora independente, também atuou em restauração de interiores e objetos de arte. Coordenou o *Fórum Permanente Arte e Cultura da América Latina*, desde 2009, com a edição das revistas correspondentes. Recebeu em 2015 o Prêmio Mario de Andrade, da ABCA. Doutora e Mestre em Estudos Latino-Americanos - Produção e Crítica de Arte Contemporânea-PROLAM - USP. Especialista em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis – CECOR- UFMG (1981). Especialista em Conservação e Restauração de Monumentos e Centros Históricos - SIOI – UNESCO - Universidade de Florença- Itália (1979). Licenciada em Desenho e Educação Artística – PUC-PR (1970). Bacharel em Pintura- EMBAP-PR (1969). Realizou diversas curadorias.

Foi indicada ao prêmio Sérgio Milliet em 2023, *in memoriam*, pelo livro "O mítico e o político na obra de Humberto Espíndola", sobre Humberto Espíndola (1943 – MS), publicado em 2023. O trabalho é resultado de suas pesquisas de mestrado e doutorado.

RICARDO VIVEIROS DE PAULA



Divulgação – Poder360

Ricardo Viveiros é jornalista, escritor e professor universitário, nascido em 1950. Foi diretor do Museu Padre Anchieta (Pátio do Colégio – SP/SP), de 1980 a 1984. Pela Central de Outdoor promoveu o “Arte na Rua”, projeto que mesclou artistas consagrados e iniciantes, do Brasil e do Exterior, abrindo espaço público à Arte. Com o pintor Aldir Mendes de Souza, foi coautor da obra “Corpoema”, exposta no tapume que cercou o Louvre, em Paris–França, durante

a construção da pirâmide de vidro. Viveiros é autor de 56 livros em distintas áreas. Há 35 anos escreve matérias sobre arte. É autor de mais de 100 perfis de artistas plásticos. Prefaciou inúmeros livros e catálogos. É doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Foi presidente da 34ª edição e membro do Conselho Curador do Salão Internacional de Humor de Piracicaba (SP), o maior evento do gênero em todo o mundo. Há 50 anos apoia artistas na realização de estudos no Exterior, mostras coletivas e individuais, edição de catálogos e livros. Em permanente defesa da educação e cultura, atualmente, comanda o programa “*Brasil, mostra tua cara*”, na TV Cultura.

ABCA – Associação Brasileira de Críticos de Arte

A diretoria da ABCA exerce a função
no triênio 2022 - 2023 - 2024
é composta por:

Presidente: Sandra Makowiecky (SC)
1ª.Vice-Presidente: Priscila Arantes (SP)
2º.Vice-Presidente: Carlos Terra (RJ)
1ª. Secretária: Gabriela Abraços (sSP)
2º. Secretário: Rodrigo Vivas (MG)
1ª. Tesoureiro: Francine Goudel (SC)
2º. Tesoureiro: Hércio Magalhães (SP)

Vice-Presidentes Regionais:

Região Norte/Nordeste: Gil Vieira
Costa (PA)

Região Centro-Oeste: Ana Lúcia
Beck (GO)

Sudeste: Leonor Amarante (SP)

Sul: Luana M. Wedekin (SC)

Conselho Fiscal

Titulares:

Afonso Medeiros (PA)

Felipe Soeiro Chaimovich (SP)

Maria Luísa Luz Távora (RJ)

Suplentes:

Maria José Justino (PR)

Ricardo Viveiros (SP)

Sandra Ramalho e Oliveira (SC)

Além da diretoria, a ABCA conta com comissões de trabalhos e sócios colaboradores em diversas atividades, que seguem contribuindo com o bom funcionamento da associação:

Comissões especiais

1. Comissão de credenciais

Agnaldo Farias (SP)

Alessandra Mello Simões Paiva (BA)

Ângela Âncora da Luz (RJ)

César Romero (BA)

Elisa de Souza Martinez (BSB)

Luana M. Wedekin (SC)

Ana Lúcia Beck (GO)

2. Comissão de ética

Almerinda Lopes (ES)

Blanca Luz Brites (RS)

Lisbeth Rebollo Gonçalves (SP)

Maria Amélia Bulhões Garcia (RS)

Percival Tirapeli (SP)

3. Comissão de Pluralidade Crítica

Alessandra Matias de Oliveira (SP)

Alessandra Mello Simões Paiva (BA)

Alexandre Sá (RJ)

Almerinda Lopes (ES)

Leila Kiyomura (SP)

Priscila Arantes (SP)

Raul Córdula (PB)

Robson Xavier da Costa (PE)

Sylvia Werneck (SP)

Jornal da ABCA

Editoras: Leila Kiyomura (SP) e

Maria Amélia Bulhões Garcia (RS)

Colaboradores

Alessandra Matias de Oliveira (SP)

Donny Correa (SP)

Leonor Amarante (SP)

Viviane Baschiroto (SC)

Mídias sociais e ABCA Informa

Viviane Baschiroto (SC)

Site ABCA, design e diagramação

Fernanda Pujol


Diretoria da ABCA 2022 – 2024



Presentes à premiação no ano de 2023, da esquerda para a direita: Hécio Magalhães, ex-presidente Lisbeth Rebollo Gonçalves, Carlos Terra, ex-presidente Maria Amélia Bulhões Garcia, presidente Sandra Makowiecky, Francine Goudel, Ana Lúcia Beck, Luana M. Wedekin, Viviane Baschirotto, Gabriela Abraços e Leonor Amarante.



Presentes à premiação no ano de 2023, da esquerda para a direita: Leila Kyiomura, Viviane Baschirotto, Carlos Terra, presidente Sandra Makowiecky, Priscila Arantes, ex-presidente Maria Amélia Bulhões Garcia, Luana M. Wedekin, Francine Goudel e Gabriela Abraços.



<https://abca.art.br>
abca.art.br@gmail.com
<https://abca.art.br/abca-informa/>
<https://www.instagram.com/abca.oficial/>
<https://www.facebook.com/abca.arte>

Dia 14 de agosto de 2024

Quarta, às 18h30

Sesc Vila Mariana

Rua Pelotas, 141

CEP 04012-000

TEL.: 11 5080-3000

sescsp.org.br

Realização:

abca

Associação Brasileira
de Críticos de Arte

Apoio:

Sesc